

Subjetividade, individualidade e singularidade na criança: um sujeito que se constitui socialmente / *Subjectivity, individuality and singularity in children: a socially constituted subject*

*Alessandra Del Ré**

*Rosângela Nogarini Hilário***

*Alessandra Jacqueline Vieira****

RESUMO

Partindo da hipótese de que as reflexões propostas por Bakhtin e pelo Círculo podem ajudar-nos a refletir sobre as questões que se colocam no campo da Aquisição da Linguagem, e considerando que há poucos registros no Brasil de trabalhos desenvolvidos dentro dessa perspectiva, pretendemos, neste artigo, ao pensar a constituição da criança na linguagem, no período de aquisição, discutir as noções de “sujeito”, “subjetividade”, “individualidade” e “singularidade”. A fim de visualizar melhor essa discussão, traremos os dados de fala de crianças pequenas, entre 1;8 e 3 anos, filmadas em contextos naturais de interação com pais e familiares. Com base neles, pudemos verificar, entre outras questões, que a criança, sujeito que se constitui *na e pela* língua(gem), imprime em suas produções marcas que revelam sua subjetividade (seja por escolhas lexicais, morfológicas, sintáticas, de gênero etc.).

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem; Subjetividade; Individualidade; Singularidade; Círculo de Bakhtin

ABSTRACT

Considering the hypothesis that Bakhtin and his Circle's reflections can help us think about issues involving the field of Language Acquisition, in addition to the fact that there are only a few works developed within this perspective in Brazil, in this article, we intend to discuss the notions of “subject”, “subjectivity”, “individuality” and “singularity”, drawing on Bakhtin's theory. Thus, in order to make this discussion clearer, we bring data from the speech of young children, from 1.8 to 3 years old, who were filmed in natural contexts interacting with their parents and relatives. From these data, we could verify, among other things, that children, as individuals who constitute themselves as subjects in and through language, bring marks to their discourse, revealing their subjectivity (through lexical, morphological, syntactic or genre choices).

KEYWORDS: *Language acquisition; Subjectivity; Individuality; Singularity; Bakhtin Circle*

* Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara, São Paulo, Brasil; aledelre@hotmail.com

** Doutoranda da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara, São Paulo, Brasil; ronogarini@yahoo.com.br

*** Doutoranda da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara, São Paulo, Brasil; alessandrajacquelinevieira@yahoo.com.br

Introdução

Considerando a recorrência com que os termos “sujeito”, “subjetividade”, “individualidade” e “singularidade” vêm sendo utilizados nas pesquisas que tratam da linguagem – e, conseqüentemente, da aquisição da linguagem –, nossa intenção neste artigo é refletir sobre essas concepções, com vistas aos estudos aquisicionistas, à luz da teoria bakhtiniana (BAKHTIN, 1993, 1997; BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006; VOLOSHÍNOV, 1976). Nosso intuito é pensar a constituição da subjetividade na criança, ou seja, a constituição do sujeito na linguagem no período de aquisição de linguagem.

Vale dizer que este trabalho é resultado de uma reflexão teórica que iniciamos no final de 2008, no grupo de pesquisa GEALin¹ (NALingua/CNPq)², e, diante da complexidade desta tarefa e das inúmeras questões que se colocam, ele permanece em discussão nos encontros mensais do grupo.

É importante ressaltar, igualmente, que sabemos das controvérsias que envolvem essas noções dentro da própria teoria, isto é, estamos cientes de que em determinados momentos os termos em questão parecem ser utilizados pelos autores do Círculo de Bakhtin³ como sinônimos, em outros nos remetem a conceitos distintos, embora intrinsecamente ligados. Estamos cientes também das discussões referentes à autoria da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*⁴ (ora creditada a Bakhtin, ora a Voloshinov, ora a ambos), bem como das implicações da tradução sobre o conteúdo da obra original. Assim, o que apresentamos aqui é uma leitura, um ponto de vista que está servindo de base para as reflexões iniciais no grupo, mas com o objetivo de ser compartilhado e/ou discutido pelos estudiosos da abordagem bakhtiniana.

¹ O GEALin é composto por 11 alunos da UNESP/FCLAr (3 de IC, 5 de mestrado e 3 de doutorado). O elo que une os trabalhos dentro do GEALin é a abordagem teórica, a tentativa de compreender o processo de aquisição da linguagem a partir das reflexões propostas por Bakhtin e o Círculo.

² O grupo NALingua reúne 11 docentes, de diferentes instituições (UNESP, UFRGS, UFAL, USP, UNICAMP, UNIFESP, UFPE) e aportes teóricos (cognitivista, lacaniana, gerativista e enunciativa), todos com um interesse comum pela Aquisição e estudo a partir de um mesmo corpus: 5 crianças (0-7 anos) registradas desde o nascimento, periodicamente, em condições naturalísticas, em contexto familiar e escolar (E., 16/12/2006; G., 13/01/2008; S., 19/04/2008; M., 15/09/2009 e B., 15/10/2009).

³ Embora o termo Círculo de Bakhtin não seja adotado de forma unânime pelos estudiosos da teoria, ele será utilizado por nós para nos referirmos às reflexões propostas por Bakhtin, Voloshinov e Medvedev.

⁴ Neste texto fazemos referência aos dois autores, Bakhtin e Voloshinov, respeitando a edição por nós adotada.

1 Subjetividade, individualidade, singularidade: explicitando os termos

Os termos subjetividade, individualidade e singularidade são bastante recorrentes nos escritos do Círculo de Bakhtin. O fato – constantemente lembrado pelos estudiosos que se orientam por estes escritos – de que os autores do Círculo não se prendiam a conceitos fechados e que os termos por eles utilizados apontam uns para os outros “atraindo-se sem aceitar a condição de identidade exclusiva” (BRAIT, 2010, p.9) torna escorregadia a tarefa de delimitá-los. No entanto, à medida que eles são adotados em nossas pesquisas, é certo que tomam corpo e levantam uma questão importante: o que, afinal, queremos nomear quando os utilizamos?

Essa questão se coloca de forma ainda mais incisiva quando se trata de deslocar os termos para uma área que, a princípio, não era exatamente aquela para a qual foram propostos: a Aquisição da Linguagem. Há pouquíssimas referências, nos textos de Bakhtin e dos demais autores do Círculo, ao período de aquisição; afinal, o interesse maior deles era propor reflexões sobre a linguagem e não discorrer sobre o processo de aquisição da língua materna. Sendo assim, além do desafio de compreender/explicitar os termos, outro (ainda maior) se apresenta: recolocá-los em meio a um lugar “estranho”, porém – é importante que se diga – não “inadequado”. Isso porque, embora não tenham se dedicado especificamente aos estudos aquisicionistas, acreditamos que as reflexões propostas por Bakhtin e seu Círculo acerca da língua e da linguagem podem ajudar-nos a refletir sobre as questões que se colocam no campo da Aquisição.

A utilização da teoria bakhtiniana para explicar as produções orais infantis no Brasil é bastante recente, com poucos trabalhos sobre o tema, como os de De Lemos (1994) e Komesu (2002), em que as autoras trazem algumas reflexões de Bakhtin para o campo da aquisição do oral. Há alguns outros trabalhos que podem ser encontrados, porém não com o viés e as noções aplicadas em nossas pesquisas.

Diante disso, nossas reflexões aqui se inspiram, sobretudo, nos trabalhos de Salazar Orvig (2010a, 2010b, 1999), pesquisadora na área de Aquisição da Linguagem (DIAREF/ANR-09-ENFT-055⁵), e de François (1994, 2004, 2006), cuja formação

⁵ Projeto “L’acquisition en dialogue des expressions référentielles: approches multidimensionnelles”, coordenado por Anne Salazar Orvig, docente e pesquisadora na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, nas áreas de Aquisição da Linguagem e Análise do Discurso. <http://www.univ-paris3.fr/salazar-orvig-anne-29869.kjsp>

interdisciplinar (Filosofia, Psicologia e Linguística) lhe permitiu estabelecer relações entre autores e teorias relacionados ao processo de aquisição, especialmente com as noções do pensamento bakhtiniano.

Feitas essas considerações, passemos às ocorrências dos termos subjetividade, individualidade e singularidade nos textos do Círculo. Ressaltamos que nossa intenção não é delimitá-los, já que em determinados momentos a reflexão bakhtiniana nos leva a entendê-los, conforme dissemos acima, como sinônimos⁶. Borges (2007, p.1466), por exemplo, faz uma observação quando trata da subjetividade no interior da teoria bakhtiniana sobre os gêneros do discurso: o que a autora nomeia de subjetividade aparece, na escritura bakhtiniana, como individualidade, e o que ela denomina como sujeito, Bakhtin – na tradução por ela utilizada – designa como falante. No entanto, não podemos dizer que isso ocorra de forma homogênea em todas as leituras, como nos mostra o trecho abaixo:

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua *individualidade* e à sua *subjetividade*, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado (BAKHTIN, 1997, p.302, grifo nosso).

Neste excerto, Bakhtin ressalta o fato de toda palavra comportar um intuito discursivo que, por sua vez, direciona a escolha do gênero do discurso. A individualidade se manifesta nas escolhas dos elementos que compõem o enunciado, que Bakhtin relaciona com o estilo (1997). Esses elementos podem estar mais ou menos aptos a expor a individualidade do sujeito. Assim, há gêneros propícios a um estilo individual (em especial, os gêneros literários) e outros que comportam um estilo geral. No entanto, quanto maior o conhecimento do sujeito acerca dos gêneros engendrados por esferas sociais mais restritas, mais estes gêneros, chamados de secundários, se enquadrarão às intenções discursivas e estarão impregnados de subjetividade, adquirindo uma expressividade caracteristicamente individual como, por exemplo, uma entonação irônica.

⁶ É necessário, mais uma vez, destacar que a tradução também pode ser levantada como um fator que dificulta a explicitação de cada um dos termos; esse fator, porém, não é decisivo para a reflexão que aqui propomos.

[...] nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes. [...] As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. (BAKHTIN, 1997, p.283).

Isso pode nos levar a pensar, então, que a interação dialógica é regida pelos gêneros. Mais uma vez, a individualidade emerge nas escolhas e estas só orientam a palavra no interior do discurso – a palavra cercada por elementos extralinguísticos, presumidos, que a contextualizam, enfim, a palavra dotada de sentido real, viva. Não há palavra proferida que não esteja articulada a um contexto, seja ele mais ou menos imediato, e não carregue consigo certo valor (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006).

Ao referir-se às variantes do discurso citado, Bakhtin/Voloshinov (2006) indicam que a individualidade do sujeito pode ser expressa de forma objetiva ou subjetiva. Os autores as nomeiam de *variante analisadora do conteúdo* e *variante analisadora da expressão*, e explicitam suas diferenças:

Para a primeira variante, a personalidade do falante só existe enquanto ocupa uma posição semântica determinada (cognitiva, ética, moral, de forma de vida) e, fora dessa posição, transmitida de maneira estritamente *objetiva*, ela não existe para o transmissor. Não há aqui condições para que a *individualidade* do falante se cristalice numa imagem.

O oposto é verdadeiro em relação à segunda variante, na qual a individualidade do falante é apresentada como maneira *subjetiva* (individual ou tipológica), como modo de pensar e falar, o que implica ao mesmo tempo um julgamento de valor do autor sobre esse modo. Aqui a *individualidade* do falante se cristaliza ao ponto de formar uma imagem (2006, p.168, grifo nosso).

Sobre a variante analisadora da expressão, Bakhtin/Voloshinov (2006, p.163) ressaltam ainda que a subjetividade pode ser apreendida nas palavras e nas maneiras de dizer do outro, que, introduzidas de forma tão específica na construção indireta, sofrem um “estranhamento”, sendo, muitas vezes, colocadas entre aspas. As variantes do discurso indireto contemplam, assim, a questão do sujeito – uma dando relevo a “o que” o outro diz; outra transparecendo, ainda, o “como” o outro diz o que diz.

Há que se ressaltar, no entanto, os dois sentidos da palavra individualidade:

Para evitar os mal-entendidos, convém sempre estabelecer uma distinção rígida entre o conceito de indivíduo natural isolado, não associado ao mundo social, tal como o conhece e estuda o biólogo, e o conceito de individualidade, que já se apresenta como uma superestrutura ideológica semiótica, que se coloca acima do indivíduo natural e é, por consequência, social.

Estas duas acepções da palavra *individualidade* (o indivíduo natural e a personalidade) são habitualmente confundidas, o que faz com que se contaste geralmente, na reflexão da maior parte dos filósofos e psicólogos, um *quaternio terminorum*: ora se considera uma acepção, ora ela é substituída pela outra (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p.58, grifo do autor).

Bakhtin/Voloshinov argumentam que a consciência, assim como a ideologia, é constituída por signos, chamados de signos interiores, e todo signo (interior ou exterior) tem uma natureza social. Essa premissa leva os autores a refutarem a ideia de que o psiquismo é individual e a ideologia é social - ou seja, para Bakhtin, o psiquismo (a consciência) é tão social quanto a ideologia - toda produção individual é, na verdade, um produto social.

Todo produto da ideologia leva consigo o selo de individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social (2006, p.58).

Para o Círculo de Bakhtin não há distinção qualitativa entre o conteúdo interior (atividade mental) e sua expressão exterior. Tanto o conteúdo a ser expresso quanto a sua objetivação externa são criados a partir do mesmo material: a expressão semiótica. Os autores vão além ao afirmar que

[...] o centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 114)

Sendo assim, todo enunciado é determinado pelas condições reais de enunciação. A subjetividade se manifesta em “atos singulares”, que o Círculo chama de

“evento”, isto é, no discurso integrado a uma situação real, fruto do diálogo de vozes sociais que ecoam na palavra de cada sujeito.

É interessante ressaltar que o termo singularidade não aparece nenhuma vez na tradução de 2006 de *Marxismo e filosofia da linguagem*, mas o encontramos diversas vezes em *Para uma filosofia do ato* (BAKHTIN, 1993), tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Para nós, fica claro que a singularidade está ligada a uma materialidade expressa, a um posicionamento do sujeito em determinado momento sócio-histórico, ao discurso diretamente inscrito em certo espaço e tempo, por isso irrepitível, único.

Eu também participo no Ser de uma maneira única e irrepitível: eu ocupo um lugar no Ser único e irrepitível, um lugar que não pode ser tomado por ninguém mais e que é impenetrável a qualquer pessoa. No dado ponto único onde eu agora estou, ninguém jamais esteve no tempo único e no espaço único do Ser único. E é em torno deste ponto único que todo o Ser único se dispõe de um modo único e irrepitível. Aquilo que pode ser feito por mim não pode nunca ser feito por ninguém mais. A unicidade ou singularidade do Ser presente é forçadamente obrigatória (BAKHTIN, 1993, p.58).

Digamos, então, que cada “ato singular” - cada manifestação em forma de linguagem, de diálogo, de discurso - é marcado pela subjetividade do locutor, revelando um sujeito que enuncia, que se manifesta, que toma posição frente a outros discursos. A manifestação da subjetividade se dá, então, na singularidade do ato. No entanto, os vestígios deixados pelo locutor em seu discurso não revelam tudo aquilo que o constitui enquanto sujeito – nem poderiam, visto que o enunciado está inserido em um espaço e um tempo determinado, como resposta a outro enunciado.

Ora, a subjetividade não está acessível senão por sua materialização na linguagem, uma produção sócio e, portanto, também ideológica. E, ainda assim, esta materialização não permite nem a expressão nem a compreensão deste sujeito como um todo. Isso porque ele não pode ser entendido como um “todo” acabado, pois no momento em que produz linguagem, em interação com outro(s) sujeito(s) imediatamente presente(s) ou não, sua subjetividade está, mais uma vez, em um movimento de constituição – ou melhor, há um movimento de constituição mútua entre o *eu* e o *outro*. Sendo assim, esta subjetividade constitutiva do ser é, por excelência, social, e se constrói socialmente, nas relações com o outro.

2 Subjetividade e alteridade

Os textos do Círculo desenvolvem um conceito fundamental para esta discussão: o de alteridade. Como dissemos, há um movimento *duplo* entre o *eu* e o *outro*, que se constituem mutuamente. Contudo, o que o *eu* observa do *outro* é sua imagem exterior, que pode ser tomada como objeto quando inserida em certo momento histórico, em certo contexto (espaço e tempo). Dessa forma, o *eu* só pode ser visto como objeto a partir de certo distanciamento (exotopia): o *eu*, visto por mim, é sempre inacabado (é o outro que me confere certo acabamento, ainda que este não esteja esgotado, seja provisório). Nas palavras de Bakhtin:

Quando se trata de outrem, a imagem externa pode ser vivenciada como uma imagem exaustiva e acabada, quando se trata de mim, essa imagem não será nem exaustiva nem acabada (1997, p.58).

E ainda:

[...] o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. A memória estética é produtiva: ela gera o homem exterior pela primeira vez num novo plano da existência (1997, p.55).

Bakhtin/Voloshinov ressaltam ainda que, no fluxo da comunicação verbal, a palavra existe como palavra do outro, “pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 1997, p.313), ou como palavra minha, isto é, impregnada com a minha expressividade, marcada pela individualidade e pela subjetividade que dela emergem. Assim, a subjetividade toma relevo e pode ser percebida, por exemplo, na citação da palavra alheia, pois esta citação, muitas vezes, integra a especificidade das escolhas e dos modos de dizer do sujeito.

Uma importante discussão proposta por Bakhtin (1977) é a distinção entre oração – enquanto unidade da língua – e enunciado – enquanto unidade real da comunicação verbal. As palavras da língua na comunicação verbal ativa, no interior do discurso vivo, adquirem expressividade e uma carga valorativa. Essa expressividade não pertence à palavra em si, pois, de acordo com Bakhtin/Voloshinov (2006, p.35), a

palavra é não apenas o signo mais puro, ela é signo neutro – não pertence a ninguém, não se restringe a nenhuma função ideológica específica, embora possa preencher qualquer função ideológica em qualquer esfera social.

A resposta à alteridade, nesse caso, se dá apenas no âmbito do enunciado, já que a oração, enquanto unidade da língua, pode ser compreendida de um ponto de vista linguístico e o seu papel no discurso pode, inclusive, ser minimamente antecipado, mas ela não suscita resposta, pois não pressupõe um sujeito que enuncia nem um sujeito a quem o enunciado é direcionado.

3 A imersão do sujeito no fluxo da comunicação verbal e a constituição da subjetividade: quando o olhar se volta para a criança

Pensando nos conceitos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin e explicitados ao longo deste texto, algumas questões importantes se colocam: como pensar, então, a noção de subjetividade em um sujeito em constituição – a criança? A construção da subjetividade (vestígios, traços de uma subjetividade nos primeiros estágios de sua constituição) pode ser flagrada nos enunciados da criança?

Partindo de uma perspectiva bakhtiniana, é possível considerar que as crianças utilizam o discurso do interlocutor para elaborar seu próprio discurso. Nesse sentido, acreditamos, em concordância com Salazar Orvig (2010b), que as produções das crianças estão primordialmente ancoradas em um espaço intersubjetivo partilhado no diálogo. Trata-se de considerar a intersubjetividade,

[...] uma ideia de que é impossível pensar o ser humano fora das relações com o outro. Em consequência, vai pondo em xeque a precedência do indivíduo e asserções de que a linguagem antes de ser para a comunicação é para a elaboração. Na perspectiva da intersubjetividade, a elaboração só se torna possível mediada pela comunicação (FARACO, 2001, p.06).

Sabe-se que a língua(gem) da criança difere em diversos aspectos daquela utilizada pelo adulto na comunicação verbal. Portanto, nem todos os elementos presentes no discurso do adulto serão observados no discurso infantil. No entanto, que elementos – linguísticos e não-linguísticos – explicitarão o processo de subjetivação?

Ora, de acordo com Bakhtin/Voloshinov (2006), a criança não adquire a língua(gem), mas penetra no fluxo da comunicação verbal e nele há o despertar da consciência.

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna – se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (p.109-110).

A consciência, como vimos, só pode ser concebida em sua natureza social - está repleta de signos que são, por excelência, sociais. Da mesma forma, a individualidade só pode ser entendida em sua natureza social – o outro me individualiza. A subjetividade é, então, como uma imagem interior que está constantemente opaca para o outro (embora seja constituída por ele), uma vez que este outro vislumbra apenas uma imagem exterior na qual se confere certo acabamento porque inserida em certo contexto espaço/temporal. Esta imagem exterior, no entanto, não abarca o *eu* - ser subjetivo - em sua totalidade. Nesse sentido, podemos dizer que esse processo (ininterrupto) de constituição subjetiva tem início com o despertar da consciência e se desenvolve com ela e por meio dela.

Se o material psíquico é composto por signos, então a consciência é formada pela linguagem. Assim, já as primeiras experiências linguísticas da criança, por meio da interação, dão o *start* para a constituição subjetiva deste sujeito e o despertar de sua consciência. É também na linguagem que esta subjetividade, ainda que em constituição, poderá ser flagrada. Sabemos que não se trata, obviamente, de um sujeito já constituído. No entanto, podemos indagar: é possível conceber um sujeito já constituído tendo como ponto de partida a teoria bakhtiniana? Esta não seria, então, também uma imagem exterior de sujeito, enquadrada em certo espaço/tempo, e, portanto, não o sujeito em sua totalidade?

É possível que esta busca pelo “eu” (subjetivo) da criança pequena, no início do período de aquisição da linguagem, seja dificultada pelos limites difusos entre as *palavras alheias* e as *palavras minhas*, pois é a partir das situações de interação com o

outro que ela se desenvolve linguisticamente. As nossas palavras baseiam-se na “palavra do outro” (Bakhtin, 2006) e é desse modo que as crianças se apropriam das primeiras palavras ensinadas pelos pais: elas se transformam dialogicamente para tornarem-se “palavra pessoal-estrangeira”, com a ajuda de outras palavras do outro, e, depois, palavra pessoal. É o que veremos adiante, no item 4, com os dados que trazemos para refletir sobre essa e outras questões. Sabemos ainda que estes “limites” não são necessariamente claros nas produções de sujeitos adultos, porém não se pode negar que, quando se trata da fala da criança, eles são ainda menos explícitos. Nesse sentido, buscar a expressividade do enunciado torna-se mais relevante do que buscar a adequação do mesmo em sentido estritamente linguístico.

4 A língua(gem) da criança: palco de representações subjetivas

Como dissemos, os termos que nos instigam para a reflexão aqui proposta tomam corpo e vão sendo delineados quando empregados em nossos estudos acerca da aquisição da linguagem. Se todo discurso deixa transparecer marcas que revelam aquele que enuncia, não seria diferente nas produções da criança. Seja pelo material linguístico (estruturas morfológicas, sintáticas, entonação etc.), seja pelos elementos extralinguísticos (sígnicos e não sígnicos), seja pelas escolhas implicadas no gênero ou tópico do discurso, é possível resgatar, nas produções da criança, um sujeito que enuncia, que se posiciona, que participa de forma responsiva/ativa da corrente ininterrupta da comunicação. Isso fica claro, por exemplo, no excerto⁷ transcrito abaixo. Trata-se do diálogo de I., uma criança brasileira, bilíngue (PB/inglês), com sua mãe (M.), inglesa residente no Brasil há 13 anos.

Exemplo 1

M: Let me see your dog. ((filmando o cachorro de pelúcia))

M: (ininteligível)

I: Doing the batizado. ((arrumando alguns brinquedos perto da cama do cachorro))

M: You're doing the baptism. And who is the priest?

I: A. ((risos))

M: And what... are you getting the dog to do downstairs?

⁷ Trecho extraído da dissertação de mestrado de Vanzo (2011), intitulada *Socialização linguageira e aspectos culturais em uma criança bilíngue*.

I: Hã?
M: Are you getting something for the dog to do downstairs?
I: No. He's going to the veterinário.
M: Ah, to the vet.
I: (ininteligível)
M: Is he going to the vet or to the baptism?
I: No, I go to Portuguese. Eu vou arrumar ele no veterinário pra ele ficar limpinho pro batismo.⁸

Neste trecho vemos que, em certo momento, a mãe corrige a criança de forma sutil, sugerindo a forma *vet* para a palavra veterinário (único termo em português no enunciado *He's going to the veterinário*). O que nos chama a atenção, especialmente, é o último enunciado de I. Nele, a resposta da criança a uma pergunta objetiva da mãe, formulada em inglês (*Is he going to the vet or to the baptism?*), é, primeiramente, uma justificativa acerca da escolha da língua que usaria na resposta.

Caberiam aqui alguns esclarecimentos que nos ajudarão a compor o cenário em que esses enunciados foram produzidos. A criança, que mora no Brasil com os pais, prefere, muitas vezes, falar em português, mesmo em interação com a mãe (falante nativa do inglês). M., por sua vez, apesar de falar somente em inglês com as filhas, entende o português. Acreditamos que o fato de I. utilizar mais o português para explicar certas cenas esteja relacionado ao seu posicionamento e à sua realidade social, uma vez que o idioma português é utilizado por I. em todos os contextos sociais dos quais faz parte. Nesse sentido, mesmo I. sabendo falar e se expressar bem em inglês (visto que ela é bilíngue), o contexto em que ela está inserida interfere no modo como ela irá responder.

Diante disso e de outras informações sobre a criança fornecidas pela pesquisadora que coletou esses dados⁹, acreditamos que esta escolha possa revelar no

⁸ M: Deixe-me ver seu cachorro. ((filmando o cachorro de pelúcia))
M: (ininteligível)
I: Fazendo o batizado. ((arrumando alguns brinquedos perto da cama do cachorro))
M: Você está fazendo o batizado. E quem é o padre?
I: A. ((risos))
M: E o que... você está levando o cachorro para fazer lá embaixo?
I: Hã?
M: Você está levando alguma coisa para o cachorro fazer lá embaixo?
I: Não. Ele está indo ao veterinário.
M: Ah, ao veterinário.
I: (ininteligível)
M: Ele está indo ao veterinário ou ao batizado?
I: Não, eu vou para o português. Eu vou arrumar... (tradução nossa)

⁹ Para maiores esclarecimentos sobre os dados e gravações, consultar Vanzo (2011).

discurso de I., por um lado, sua habilidade para comunicar-se nas duas línguas, por outro, sua preferência pelo português para discorrer sobre esse tópico. Isto é, a escolha da língua revela, no discurso, um sujeito que enuncia e também que se posiciona. Trata-se, portanto de um vestígio, um traço de subjetividade que distingue o discurso de I. no diálogo com a mãe.

O próximo excerto¹⁰ traz exemplos de inscrições subjetivas da criança na própria organização da língua, no que se refere ao uso do morfema de plural. Nele, A. (monolíngue PB, 2;2.14) brinca com a mãe (D.) de contar os elementos (orelhas, mãos, pés) de um coelho de pelúcia. Vejamos:

Exemplo 2

D: não... conta uma ...
A: uma... ((aponta para uma das orelhas do coelho))
D: duas...
A: duas... ((aponta para a outra orelha do coelho))
D: duas orelhas.
A: dua(s) orelhas. ((mostra dois dedos))
A: e a mão mãe?
D: quantas mãos?
A: dois... ((aponta para uma das mãos do coelhinho))
D: uma...
A: uma... ((aponta para um das mãos do coelho))
D: du/duas. ((A. aponta para a outra mão do coelho))
A: duas.
D: duas.
A: e...
A: e o pé? ((segura o coelhinho pelos pés))
D: um...
A: um... ((aponta para um dos pés do coelhinho))
D: dois.
A: dois. ((aponta para o outro pé do coelhinho))
D: dois, dois pés.
A: doi(s) pés.
D: e duas mãos.
A: e o(s) olhos? ((aponta para os olhos do coelhinho))

O formato de jogo linguístico, diretamente relacionado a uma realidade concretamente observável pela criança, articula o encadeamento dos enunciados, fazendo com que as respostas de A. apresentem o morfema de plural, também presente nos enunciados da mãe. Porém, dois fatos interessantes podem ser observados: o

¹⁰ Trecho extraído do relatório de qualificação de mestrado de Hilário (2010), intitulado *A marcação de plural na fala da criança: marcas de subjetividade*.

primeiro diz respeito à produção distinta dos numerais quando acompanhados por um substantivo nos enunciados da criança. Esta produção poderia passar despercebida, porém, se comparada à questão formulada por A. no último enunciado deste excerto (*e o(s) olhos?*), nota-se em *dua(s) mãos* e *doi(s) pés* o /s/ sofre um apagamento semelhante àquele observado no sintagma *o(s) olhos*, porém neste caso, o morfema {-s} é suprimido no determinante. É como se os numerais duas/dois estivessem marcados pelo morfema de plural {-s} e esta marcação fosse deslocada para o final do sintagma – um comportamento linguístico bastante observado nas produções de crianças pequenas, como constata Hilário (2010). Esta “regularidade”, no entanto, faz com que a produção infantil torne-se singular, única, diferenciada se comparada às produções do interlocutor adulto.

O contato com as produções de crianças pequenas traz à tona importantes questões: considerando que o que se revela no discurso são os “modos de dizer” do sujeito, seria lícito pensar que a subjetividade é expressa pela materialização de uma individualidade? Considerando que, de acordo com Bakhtin (1997, p.283) os gêneros do discurso que requerem forma padronizada são menos favoráveis à expressão da individualidade e “[...] nesses gêneros só podem refletir-se os aspectos superficiais, quase biológicos, da individualidade”, poderíamos pensar em graus de expressão da individualidade do sujeito na linguagem?

Sobre isso, cabe aqui fazer referência aos dados coletados por Grecco (2012), analisados em sua dissertação de mestrado. Eles mostram como essa subjetividade vai aos poucos se manifestando nos textos escolares – reescritas e textos de tema “livre”, eleitos pela pesquisadora como *corpus*. As reescritas, propostas pela professora da classe logo após a leitura de um livro, trazem, frequentemente, modificações feitas pelos alunos, como vemos no caso da reescrita do livro *Maria-vai-com-as-outras*¹¹. Um deles, por exemplo, dá à versão original um tom mais próximo do falar popular ao introduzir o termo “pular da ponte” no trecho em que, originalmente, a ovelha pula do Corcovado. Outro aluno substitui o “comer feijoada” por “comer camarão”, modificando, assim, o final da história. Em outra reescrita (*O coelhinho que não era de páscoa*¹²), um dos alunos explicita a relação escola/trabalho, tão presente nos discursos em circulação, acrescentando à fala do coelho a afirmação “Mãe, eu não fui só brincar, eu fui aprender

¹¹ ORTHOF, 2002.

¹² ROCHA, 1994.

a fazer ovos de páscoa com os meus amigos”. Além disso, os textos apresentam frequentemente o emprego de adjetivos – alguns também presentes nos textos originais – que qualificam as personagens (*coelho fofinho, menino levado, verduras gostosas*), bem como sinais de pontuação (muitas vezes utilizados de maneira imprópria, como aponta a pesquisadora com relação ao uso dos travessões), entre outros. Porém, quando a professora solicita aos alunos que escrevam um texto “livre” sobre o fim de semana, o que se observa é uma listagem das atividades realizadas por eles. Grecco (2012) afirma que, ao contrário do que se poderia pensar, na escrita espontânea a manifestação de uma posição valorativa dos alunos na linguagem é menor do que quando há um “suporte” para esta escrita, isto é, um texto anterior no qual o aluno se apoia.

Muitos outros exemplos podem ser extraídos de produções de crianças. Algumas fazem questão de deixar claro para o interlocutor: “Eu falo do meu jeito!”¹³, o que poderia revelar a diferença que de alguma forma a criança nota entre o seu dizer (e o seu modo de dizer) e o do outro – ainda que, na realidade, ela tivesse dificuldade de se expressar como ele. O fato é que, à medida que a criança vai se constituindo como sujeito, *na e pela* língua(gem), pouco a pouco a sua fala – seus enunciados – vão se “descolando” dos enunciados de seu interlocutor adulto¹⁴, e suas produções passam a ser marcadas por escolhas (lexicais, morfológicas, sintáticas, de gênero e até mesmo, como vimos, do idioma) que começam a refletir um posicionamento no diálogo.

Considerações finais

Esperamos que as reflexões que iniciamos neste artigo tenham ao menos indicado a potencialidade das noções bakhtinianas em se tratando de observar a fala da criança. Não foi nosso objetivo fornecer a “melhor” definição desses conceitos, mesmo porque, como dissemos, a falta de uma tradução consensual dificultaria esse trabalho. E mesmo após muitas discussões, talvez cheguemos à constatação de que não há conceitos completamente estáveis...

¹³ Enunciado recorrente na fala de S. (3;2 anos), que está sendo filmada desde o nascimento, a fim de compor um *corpus* longitudinal a ser utilizado em análises futuras.

¹⁴ De Lemos (2001) aponta que as primeiras produções da criança são retornos a fragmentos da fala do adulto (com quem interage).

Além disso, como se trata de um trabalho ainda em discussão, optamos por priorizar alguns temas em detrimento de outros, a fim de dar conta, neste momento, dos objetivos aqui propostos. Mas há certamente outros ainda a serem explorados.

Enfim, ao contrário das respostas que se poderia esperar de um trabalho desta natureza, o que constatamos, isso é certo, é que nossas perguntas iniciais geraram novas indagações sobre a constituição da subjetividade da criança – e de sua manifestação no período inicial da aquisição. A estas se somam a questão da identidade e do deslocamento identitário, especialmente no caso de dados recolhidos em contextos bilíngues ou em situações de aprendizagem de uma língua estrangeira (FALASCA, 2012)¹⁵. No entanto, considerando os limites que um trabalho desta natureza impõe, deixamos tais questões em suspenso e convidamos nosso leitor a conosco refletir, em pesquisas futuras, sobre as “antigas” e as novas questões que ora propomos.

Agradecimentos

Agradecemos ao grupo GEALin e NALingua por todas as discussões que resultaram neste trabalho. Agradecemos também às professoras Renata Coelho Marchezan e Marina Célia Mendonça pela leitura cuidadosa e pelas sugestões pertinentes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato*. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza (tradução não revisada, exclusiva para uso didático e acadêmico) da edição americana *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993.

_____. O autor e o herói. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 25-220.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 261-306.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BORGES, M. I. A subjetividade na teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso. In: 4º SIGET (Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais), 2007, Tubarão. *Anais*. Tubarão: Editora da UNISUL, 2007, p.1461-1471.

BRAIT, B. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: _____. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

¹⁵ Estes são, também, objetos de análise dos demais pesquisadores do grupo GEALin.

DE LEMOS, C. Sobre fragmentos e holófrases. In: *Coloquio do LEPSI IP/FE-USP*, 3., 2001, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300005&lng=en&nrm=abn> Acesso em: 21 outubro de 2012.

DE LEMOS, C. de. A função e o destino da palavra alheia: três momentos da reflexão de Bakhtin. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1994, p.37-43.

FALASCA, P. *Aquisição/aprendizagem de LE: subjetividade e deslocamentos identitários*. Dissertação de Mestrado em Linguística (não publicada). Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2012.

FARACO, C. A. Pesquisa aplicada em linguagem: alguns desafios para o novo milênio. *DELTA*, São Paulo, v. 17, n. spe, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000300001&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 26 de julho de 2011.

FRANÇOIS, F. O que nos indica a “linguagem da criança”: algumas considerações sobre a “linguagem”. In: DEL RÉ, A (org.). *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006, p.183-200.

FRANÇOIS, F. *Enfants et récits. Mises en mots et “reste”*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2004.

FRANÇOIS, F. *Morale et mise en mots*. Paris: L’Harmattan, 1994.

GRECCO, N. A. G. *Algumas marcas de singularidade nos textos escolares de alunos do 2º ano do Ensino Fundamental*. Dissertação de Mestrado em Linguística (não publicada). Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2012.

HILÁRIO, R. N. *A marcação de plural na fala da criança: marcas de subjetividade*. Relatório de qualificação de Mestrado em Linguística (não publicado). Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Diálogo e dialogismo no processo da aquisição da linguagem*. *Alfa*, Marília: Unesp, v. 46, p.55-70, 2002.

ORTHOFF, S. *Maria vai com as outras*. São Paulo: Ática, 2002.

ROCHA, R. *O coelhinho que não era de páscoa*. São Paulo: Ática, 1994.

SALAZAR ORVIG, A. et al. Dialogical beginnings of anaphora: The use of third person pronouns before the age of 3. *Journal of Pragmatics* 42, 2010a, p. 1842–1865.

SALAZAR ORVIG, A. et al. Dialogical factors in toddlers’ use of clitic pronouns. *First Language* 30(3-4), 2010b, p. 375–402.

SALAZAR ORVIG, A. et al. *Les mouvements du discours: style, référence et dialogue dans des entretiens cliniques*. Paris: Harmattan, 1999.

VANZO, T. O. N. *Socialização linguageira e aspectos culturais em uma criança bilíngue*. Dissertação de mestrado em Linguística e Língua Portuguesa (não publicada). Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.

VOLOSHINOV, V. N. Discurso na vida e discurso na arte. Tradução de Cristóvão Tezza para fins didáticos da versão em inglês de VOLOSHINOV, V. N. Discourse in life and discourse in art (concerning sociological poetics). In: _____. *Freudianism. A marxist critique*. Trad. do russo de I. R. Titunik. New York Academic Press, 1976.

Recebido em 23/07/2012

Aprovado em 22/11/2012